

* *
*

FERNANDES (Florestan). — *O negro no mundo dos brancos*. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1972. 283 pág.

Este trabalho do conhecido sociólogo brasileiro, consiste em uma coletânea de 14 ensaios, redigidos entre 1943 e 1969, cujo tema central é a situação do negro e do mulato na sociedade brasileira, vista através de São Paulo, considerado o melhor representante das unidades brasileiras, por ser ao mesmo tempo tradicionalista em seus vários aspectos e o que tem recebido mais forte impulso dos ventos da urbanização e industrialização moderna.

A seleção dos trabalhos foi feita mediante uma combinação de análise sincrônica e diacrônica em um quadro metodológico, visto de uma perspectiva histórica que entretanto se desenvolveu dentro das condições estruturais-funcionais que caracterizam a formação da sociedade brasileira, não escapando entretanto de um certo cunho dialético a esse propósito.

A intenção foi “ligar a desintegração do sistema de castas e estamentos à formação e expansão do sistema de classes, no afã de descobrir as possibilidades de recalibração estrutural e dinâmica” do relacionamento inter-racial. Partiu da existência de dois polos: 1º). — Os efeitos estáticos da estruturação do comportamento ideal dos brancos, e 2º). — Uma modalidade de acomodação cultural passiva por parte dos negros, para chegar a definição de que, se os negros e mulatos desejam igualdade racial, justiça e reconhecimento, têm necessidade de sacudir a inércia acomodativa, educar-se, unir-se, para então forçar as bases da estruturação de domínio do branco, criada no sistema senhorial da escravidão.

Através de suas pesquisas destruiu a base em que se acenta o mito da Democracia racial brasileira, sem deixar de considerar, entretanto, a existência certos elementos potencialmente favoráveis ao seu estabelecimento autêntico. Estabelece a condição da existência desse mito, tendência brasileira ao preconceito de não ter preconceito.

O tratamento condescendente, paternalista, que tende cada vez mais a inferiorizar o negro, que muitos consideram como surgidos da influência estrangeira, foi também verificado pelo autor, apoiado sobre pesquisas abalizadas levadas a efeito por vários cientistas de renome, comprovou que sua permanência nas atitudes e orientações em questões raciais é proveniente de um padrão cultural herdado da sociedade escravista, persistindo o modelo assimétrico de relações

raciais construído para regular o contacto e a ordenação social entre senhores e escravos, que tem por função ainda, manter os africanos em uma posição de inferioridade.

Ao considerar a posição da imigração, analisa as causas, efeitos, funcionalidade das tensões que se desenvolveram com a chegada dos imigrantes, expondo ao vivo, os problemas que criaram certas imagens, a maioria das vezes, sem bases reais, mas que somente através de uma interpretação em profundidade de suas manifestações externas pode ser atingido em seu cerne. Além disso o desenvolvimento rápido da conexão urbano-econômica que, em São Paulo assumiu proporções superiores a qualquer outra parte do país, tornaram ineficiente todo o mecanismo de adaptação do negro aos padrões ideais de comportamento que passavam a ser exigidos deles, despreparados em sua estrutura humana e social para enfrenta-lo.

Nesta obra o autor tenta esclarecer a importância e exatidão das conclusões a que se vai chegando, relativamente à problemática negra no Brasil, uma vez que a sua, como todas as demais pesquisas sociais brasileiras, passaram a desenvolver-se depois do aparecimento e ocaso dos movimentos negros da década de 1930 e do recondicionamento do processo acomodativo no negro na sociedade competitiva cada vez mais desenvolvida, gozando portanto de um panorama completo em que pode descortinar todo o processo histórico-evolutivo dessa problemática, favorecendo a interpretação em profundidade dos agentes ativos e relativos que determinam o encadeamento dos fenômenos que o constituem. Entretanto essas interpretações tem atingido muito pouco a consciência social brasileira e paulista especialmente, parece que é de interesse geral "o congelamento do problema", como o autor o diz, pois há uma recusa coletiva em encara-lo de frente e organizar ou ativar o mecanismo de combate às barreiras, atentando-se para o que há de válido no protesto negro. Tornar realidade, o que até o momento ainda é ideológico em nossa sociedade. Racionalizar a alienação preconceituosa a fim de recolocar as posições sociais e os valores humanos nos seus devidos lugares. Anular a ação, ou melhor dizendo, a omissão dos estratos sociais interessados em manter e se possível até intensificar as desigualdades raciais, evitando que as mudanças criem as condições de igualdade real, já determinadas por leis brasileiras, que trariam uma ampliação das tensões competitivas. Como esses estratos são política e economicamente os mais influentes, suas decisões são as que pesam na organização brasileira.

Evidencia-se a gravidade desse paradoxo. Os estratos sócio-econômicos e políticos sobre quem pesa a responsabilidade da organização, manutenção e desenvolvimento do regime democrático brasileiro, são justamente os que mais ofendem e dificultam o estabelecimento e a afirmação definitiva desta democracia, mantendo a desigualdade social baseada em raça, que pode ser considerada a mais efetiva de quantas há, mo mente por ser baseada em um estereótipo tão infantil como seja o da cor da pele das pessoas.

A este propósito, o autor se defende e aos outros cientistas da imputação de estarem criando o problema racial entre nós, lembrando que o cientista social não censura os agentes humanos e nem determina valores. Apenas expõem a vivo o grau de congruência existente entre as ações e os valores sociais.

Entretanto, em que pese a gravidade do problema brasileiro, considera-se a potencialidade existente no país para o estabelecimento verdadeiro da democracia racial e social com muito mais possibilidades que nos Estados Unidos e na África do Sul, mas não se pode relegar para segundo plano as potencialidades inversas, de agravamento do mesmo problema, considerando-se a inércia das classes dominantes a esse respeito, fazendo supor mesmo, uma tendência à manutenção do estado atual de coisas, com a absorção das formas sociais arcaicas. Mesmo no campo econômico, industrial e comercial, em que pese o desenvolvimento paulista, permanecem as formas que já deveriam estar ultrapassadas e que parecem quase institucionalizadas, da discriminação empregatícia e da reserva sócio-profissional. A suavidade das formas da discriminação racial típicas do Brasil são os elementos que justificam um trabalho comparativo em relação as formas acentuadas e agressivas dos outros países.

Estas mesmas características entretanto, perdem-se quando temos em mãos como o autor nos pôs, alguns excertos de obras poéticas sugidas da inteligência de um negro, tais como as de Oswaldo de Camargo, que bem ilustram como se sente o negro frente a essa discriminação:

Eu conheço um grito de angústia

E eu posso escrever esse grito de angústia

E eu posso berrar esse grito de angústia,

Quer ouvir?

“Sou um negro, Senhor, sou um . . . Negro! (*Grito de Angústia*).

Em toda a manifestação negra, no teatro e no folk-lore, é deprimente a posição reservada ao negro expondo em toda sua crueza o estereótipo do elemento inferior, a um ponto tal, que neutralisa a personalidade e cria um condicionamento psico-social envolvente e paralisante para o negro, recolocando-o quase na mesma posição de “coisa” espiritualmente amorfa dos temas da escravidão.

Ao encerrar seu trabalho, examina os aspectos políticos do dilema racial no Brasil, sob uma abordagem que é um grito de alerta às instituições, manejadas por uma classe, descendente espiritualmente dos “senhores de escravos” que impôs ou está tentando impor, cristalizar a imposição de uma ordem institucional autocrática, com a classe dominante muito distanciada dos outros níveis e principalmente com uma classe dominada, embora seja legalmente igual a todas as demais. Quando essa igualdade é utilizada para favorecer os elementos dos mais baixos níveis, ou quando estes tentam imprimir um cunho de realidade às leis escritas da democracia brasileira através de movimentos sociais ou reivindicações justas de seus direitos, a força sócio-econômica dos dominadores se exerce, pressionando a manutenção do *status quo*, ou mes-

mo ameaçando com a subversão da ordem, o que torna de imediato, mal visto e perigoso qualquer movimento social no sentido p oposito. A repetição destas atitudes, fazendo gorar as iniciativas, com a continuidade e frequência com que se vem repetindo tendem a adormentar as mentalidades, desencorajar estímulos, resultando em uma passividade e inercia perigosa para qualquer nação.

Atualmente uma nova forma de luta começa a se fazer sentir da parte do negro, diferindo da década de 1930, dos movimentos coletivos, por uma elevação do grupo e passa a ser a única que o branco não consegue barrar, a luta individual, egoista, que chega a ser também por uma pequena elite que consegue atingir, a maioria das vezes, por esforços próprios, uma posição de igualdade na classe superior. Embora este não seja o ideal, não deixa de ser uma esperança, uma vez que essa posições assim adquiridas não são susceptíveis de perda e deixam entrever a possibilidade de uma ampliação do grupo negro esclarecido, o que resultaria em uma força sugestiva capaz de levar a novas formas o problema, conduzindo-o em direção de maior igualdade racial e social.

LÚCIA MARIA DE OLIVEIRA.

* *

*